

Celso Furtado, 100 Anos: *Formação Econômica do Brasil* (1959)¹

JOSÉ ALEX REGO SOARES (*)

Neste ano de 2020, comemoramos o centenário de nascimento de Celso Furtado, um dos mais destacados economistas brasileiros de todos os tempos, sobretudo devido a sua clássica análise sobre o desenvolvimento econômico. Sua obra, além de extensa, problematiza e oxigena o debate sobre o tema do desenvolvimento, dialogando com um conjunto de áreas do conhecimento, tais como História Econômica, Política Econômica e Teoria Econômica.

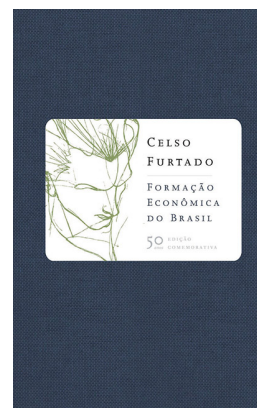
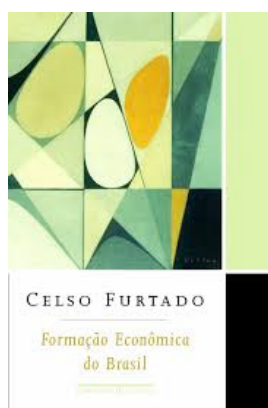
No amplo escopo de trabalhos desenvolvidos por Celso Furtado ao longo de sua vida, colocamo-nos aqui para discorrer sobre uma obra que talvez seja a que mais repre-

senta seu pensamento e, provavelmente, uma das mais importantes na seara econômica brasileira: *Formação Econômica do Brasil* (FEB).²

Se a empreitada de escrever sobre Celso Furtado é algo complexo por si só, ainda mais complexo é propor alguns breves comentários sobre sua grande obra (*Formação Econômica do Brasil* – FEB), trabalho que é um clássico de referência maior, considerando que uma vasta literatura já se dedicou ao seu estudo.³

Trata-se de um trabalho que fomentou ampla agenda de pesquisa sobre a economia brasileira, nos mais vários aspectos, tais como o caráter metodológico, a economia

colonial, o desenvolvimento e subdesenvolvimento, problematizando noções como de região, terra e mão de obra, e abrindo várias outras portas para a busca do entendimento da economia brasileira. Em suma, FEB se enquadra em um universo de leituras que podemos considerar clássicas, isto é, uma obra maior, atemporal. Ítalo Calvino define como “clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 1993 p.15). Desta forma, mesmo passados sessenta anos de sua publicação, FEB permanece como referência ainda viva, tornando-se o espelho para obras futuras na temática.⁴



Edições de *Formação Econômica do Brasil*: Editora Fundo de Cultura (1959 a 1966), Companhia Editora Nacional (1967 a 2006) e Companhia das Letras (2007 até hoje) e edição comemorativa dos 50 anos (2009).

1 O Intelectual e o Historiador Econômico

Celso Furtado escreveu *Formação econômica do Brasil* em sua passagem por Cambridge, Inglaterra, a convite de Nicholas Kaldor.⁵ No decorrer do ano letivo de 1957 e 1958, Furtado aproveita de forma intensa essa oportunidade, travando diálogo com personalidades do pensamento econômico como James E. Meade, Richard Kahn, Joan Robinson, Piero Garegnani e Amartya K. Sen (D'AGUIAR, 2009). Além de frequentar o curso ministrado por Kaldor, intitulado “uma revisão crítica do processo de formação da moderna teoria do crescimento”, teve participação nos seminários semanais com ampla variedade de temas, como análise dos processos históricos de desenvolvimento econômico, análise do desenvolvimento da economia dos E.U.A, comércio internacional e juros.

A imersão de Furtado num ambiente muito instigante intelectualmente proporciona as condições para uma revisão e aprofundamento de suas teses que se encontram no livro *A Economia Brasileira* (1954), assim como para consolidar a crítica das teorias econômicas tradicionais e sua incapacidade de apresentarem soluções para os países subdesenvolvidos. Ao cabo de seu período sabático, mais precisamente em janeiro de 1959, Furtado nos apresenta *Formação Econômica do Brasil* como produto de sua análise da economia brasileira.

João Antonio de Paula (2015) destaca ainda toda a formação ampla e diversificada de Furtado, justamente para compreender o objeto de estudo de *Formação Econômica do Brasil*:

[...] ele entendeu, perfeitamente, a lição de John Stuart Mill quando disse que alguém, para ser bom economista, não pode ser apenas economista. Leitor de Karl Mannheim, de Max Weber, de Marx, leu também ciência política, geografia, antropologia, filosofia, história, além de teoria econômica, de história e de pensamento econômico e métodos quantitativos. (PAULA, 2015, p.146)

Essa ampla formação permitiu a Furtado imprimir uma abordagem sobre a economia brasileira de forma ainda hoje destoante do núcleo tradicional de formação dos economistas. Seu caráter particularmente erudito pode ser constatado pela sua trajetória intelectual, como bem destaca D'Aguiar (2015).⁶ Essa formação erudita aflora em FEB, a qual propicia uma interpretação única da história econômica do Brasil. Furtado destaca o papel da história econômica na sua agenda de pesquisa frente ao amplo leque de referências por ele manuseado, iluminando de forma explícita o seu trabalho mais propagado.

Em FEB, Furtado consolida-se como um intelectual que, segundo Szmrecsányi (1999, p. 207), carac-

teriza-se como um “dos economistas com conhecimentos de História”. Trata-se de um economista que propõe uma síntese de interpretação do desenvolvimento econômico do Brasil, um historiador econômico e um economista historiador.⁷ Em FEB, Furtado é mais do que um ensaísta, é um pesquisador atento à formação do Brasil, onde este insere uma construção teórica sobre a nossa realidade social, de base histórico-analítica

Somente o uso consciencioso das ciências sociais pode orientar a reconstrução histórica em busca de suas linhas gerais. É a teoria econômica e social presente no livro que irá conduzir a leitura histórica de Celso Furtado. A erudição histórica do autor é patente, a despeito da omissão de referências, e o método do autor se constrói na distinção entre processos e eventos, nos quais os primeiros dão o tom geral do livro, subordinando os segundos, os quais devem ser pressupostos e conhecidos do leitor. (SILVA, 2011, p. 446)

Essa atenção dispensada à história econômica na constituição de seu pensamento fica evidente nas palavras do próprio Furtado:

[...] foi manuseando trabalhos já publicados que percebi que era possível montar um modelo com perspectiva histórica multissecular da economia brasileira. A novidade estava em captar o evoluir histórico no quadro de relações estruturais,

a começar pelas internacionais. O importante foi observar o Brasil, desde os seus primórdios, como ator relevante na cena econômica mundial. (FURTADO, 1998, p.16)

O pensamento de Furtado está impregnado em seu modo de pensar, sua visão de mundo (PAULA, 2015), a qual nos revela uma sistemática explicitação das transformações históricas da forma de organização da sociedade brasileira na esfera econômica. Em suma, uma sistematização do quadro analítico estruturalista cepalino que precisava ser delineado e mais bem sistematizado enquanto resposta às teorias tradicionais para ser aceita e “[...] era indispensável a essa proposta a demonstração de que a evolução histórica dos países que, em meados do século XX, continuavam subdesenvolvidos era, necessariamente, distinta daquela dos países desenvolvidos.” (BIELSCHOWSKY, 1989, p. 39)

O diagnóstico construído por Furtado nos permite traçar um olhar sobre a temática do desenvolvimento econômico brasileiro, romper com a oposição entre a teoria econômica e história econômica, fundando assim um modelo de análise que permite desenvolver a criatividade interpretativa dos fatos econômicos e sociais. Além disso, permite distanciar da abordagem tradicional econômica, na qual a teoria econômica apenas se sobrepõe aos fatos históricos a fim

de testá-los a partir de sua matriz teórica. Se não fosse desta forma, não se teria como “[...] legitimar a ideia de que suas estruturas econômicas e a problemática de sua transformação eram também distintas, a ponto de exigir uma criteriosa adaptação da teoria corrente e mesmo um esforço próprio de teorização.” (BIELSCHOWSKY, 1989, p. 39)

A base que se apresenta é a identificação de uma particularidade da estrutura econômica brasileira derivada de uma dinâmica própria de colonização, pautada na grande propriedade rural como plataforma exportadora e concentradora de renda, que acaba por moldar o desenvolvimento econômico do Brasil. Assim, faz-se necessário lançar mão de instrumentos analíticos próprios para interpretar essas condições particulares, que são distintas do pensamento econômico tradicional oriundo dos países centrais.

2 A Interpretação do Brasil na Formação Econômica Brasileira

Nesse processo de sistematização de seu trabalho, Furtado está em consonância com uma geração de pesquisadores que buscam interpretar o Brasil, em especial, Caio Prado Junior. Francisco de Oliveira (2009) destaca a construção da obra de Caio Prado Jr., que reverbera no seu “sentido da coloniza-

ção”, tese que é assimilada em FEB, como salientam Oliveira (2009) e Paula (2015).

No Brasil, a História Econômica como campo de estudo apareceria somente na década de 1930, a partir da publicação dos primeiros trabalhos com uma perspectiva da evolução econômica brasileira (ARRUDA, 1980, p. 54). Entre esses trabalhos pioneiros, vale lembrar *História econômica do Brasil*, de Roberto Simonsen, de 1937, que foi essencial para subsidiar a reflexão de Furtado em FEB.

Nessa busca de interpretação do advento da história econômica nacional, são apresentadas as particularidades de um modelo de colonização – responsável pelos determinantes históricos em distinção das estruturas econômicas periféricas em relação aos centros dinâmicos europeus – e também é mapeada a heterogeneidade da economia brasileira. Inserida na dinâmica econômica mundial como economia agrário- exportadora, fundada na grande propriedade rural concentradora de renda e dependente do mercado externo, que molda o comportamento das economias periféricas (Brasil), a dependência econômica é destacada por sua incapacidade de constituir um centro dinâmico próprio. Nesse contexto, a FEB ajusta a construção de uma análise inovativa e muito particular no interior da teoria econômica.

Furtado propõe-se a se distanciar da análise clássica sobre o desenvolvimento econômico. Ele edifica a fusão entre Teoria e História, uma distinção importante sobre a escola neoclássica e clássica acerca do tratamento dado à história econômica. Francisco de Oliveira (2009) resume de forma certa essa fusão para consolidar o pensamento furtadiano. Caso contrário, seria:

[...] possível encontrar uma teoria de “centro” e “periferia” desde Smith, o que não ocorre, e não por acaso: é que suas concepções são inteiramente homogeneizadoras, fazem tábula rasa da história, pois as “leis” do capital seriam aplicáveis *urbi et orbi*; daí a teoria de comércio internacional de Ricardo, por exemplo, que vê vantagens comparativas entre países diferentes, quando na verdade o domínio colonial e posteriormente das principais economias desenvolvidas determina de fora para dentro as “vocações” primárias das colônias. (OLIVEIRA, 2009, p. 46)

Furtado consegue escapar da armadilha universalizante das teorias econômicas sobre as “leis” de produção e reprodução de economias capitalistas centrais.

Esse olhar sobre a formação econômica brasileira e os dilemas do seu desenvolvimento coloca na agenda a condição política para supressão do atraso. Nessa perspectiva, a superação do atraso não

passa pela esfera econômica, ou passa muito à margem. A fusão de elementos teóricos e históricos, a fim de desenhar a dinâmica da economia brasileira, nos apresenta uma terceira variável: a política econômica. Assim, a formatação do modelo desencadeado por Furtado nesse livro coloca, na ordem do dia, não apenas um discorrer sobre as questões históricas ou a melhor aplicação das teorias econômicas, mas uma articulação dessas duas linhas em uma só. Nesse sentido, desenvolve uma abordagem para superação do subdesenvolvimento, introduzindo uma construção teórica sobre o desenvolvimento a partir de uma síntese histórica do Brasil.

Nesse quadro, a teoria econômica é reformatada para a realidade brasileira a partir de uma interpretação histórica, ou seja, não dos fatos em si, mas pelas próprias transformações históricas da organização da vida econômica, a fim de desenvolver ações de políticas públicas que superem o ciclo vicioso do subdesenvolvimento.

O entendimento da realidade econômica num dado período não é apenas uma interpretação como um fato em si, isolado na sua própria característica, mas sim como um fato em todos os seus aspectos, suas relações e várias interligações.

Furtado apresenta-nos uma preocupação sobre a análise desenvol-

vida, lança mão de um conjunto de dados, dando ênfase aos dados quantitativos, evidenciando uma preocupação com os valores percentuais e médios a fim de alicerçar o máximo possível suas observações e, assim, conseguir observar de maneira explícita as oscilações da economia.

3 A Formação Econômica do Brasil Como Área de Estudo

Poucos autores definiram tão bem uma disciplina quanto FEB. A obra de Furtado desenhou definitivamente o estudo na cadeira de história econômica brasileira, na mesma prateleira de outras obras que vieram a definir algumas das principais disciplinas da ciência econômica: o *Capital* (1867), de Karl Marx, definiu a pesquisa da Economia Política; a obra de John M. Keynes, *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda* (1936) fundou a disciplina de macroeconomia moderna; ou ainda, *Princípios de Economia* (1890), de Alfred Marshall, que definiu a teoria econômica neoclássica.

A FEB mostrou sua vitalidade e poder de pautar o debate sobre a formação do Brasil, já nos seus primeiros anos após sua publicação. Assim, o livro de Furtado de início se impõe de forma marcante, influenciando numa ampla agenda de pesquisa que se inaugurou nas décadas posteriores após sua publica-

ção, hipóteses que seriam testadas nos estudos de pós-graduação:

É possível dizer que foi a partir de *Formação do Brasil contemporâneo* e de *Formação econômica do Brasil*, respectivamente de Caio Prado Jr. e de Celso Furtado, que uma parte significativa dos estudos de história econômica do Brasil foram realizados como teses e dissertações dos programas de pós-graduação, fosse para reforçar o argumento dos autores, ou para negar, seguindo a expansão das interpretações revisionistas das décadas de 1980-1990. (SAES; MANZATTO; SOUSA, 2015, p. 225)

Na atual conjuntura, não podemos deixar de frisar o papel dessa obra no ensino de História Econômica do Brasil, junto às novas gerações de economistas, mas essencialmente pela sua capacidade de se manter em evidência no campo das pesquisas de pós-graduação, fornecendo elementos teóricos e hipótese para a compreensão do Brasil de hoje.

Desta forma, o livro de Furtado reafirma seu status de clássico e sua importância germinal no ensino de economia brasileira nas universidades brasileiras. Esse protagonismo da obra pode ser verificado em Saes, Manzatto e Sousa (2015), em que o artigo, por meio de pesquisa bibliométrica, consegue identificar a obra como principal referência utilizada pelos professores na disciplina História Econômica do

Brasil (SAES; MANZATTO; SOUSA, 2015, p. 249-250).

Para efeito de conclusão, podemos destacar o fôlego dessa obra e de seu autor, que nos coloca na evidência de afirmar, graças a seu poder analítico e criatividade, que autor e obra se renovam sistematicamente, servindo de base para novos trabalhos de pesquisa e como referência de ensino de economia e na sua interpretação sobre o Brasil. FEB tornou-se um clássico pelo seu poder de guiar novas gerações na pesquisa de história econômica brasileira, assim como por oferecer subsídios para novas interpretações do nosso desenvolvimento.

4 FEB na Historiografia

Não são poucos os trabalhos que se voltaram para o estudo de *Formação econômica do Brasil*. Com esse decisivo papel na formação de gerações de economistas e cientistas sociais brasileiros ao longo das últimas décadas, mais do que apenas uma obra inspiradora para a investigação de diversos temas da história econômica brasileira, FEB tornou-se objeto de estudo em si.

Um dos marcos dessa disseminação dos estudos sobre a obra foi o ano de 2009, quando se completaram os 50 anos da publicação de *Formação econômica do Brasil*. Na oportunidade, Rosa Freire D'Aguiar organizou uma edição comemora-

tiva, com uma abrangente fortuna crítica, com resenhas e prefácios de FEB. Entre os textos apresentados na fortuna crítica, alguns como de Francisco Iglésias, Maurício Coutinho e Tamás Szmrecsányi se tornaram clássicos. Vale dizer que por meio do material reunido na obra comemorativa é possível conferir a imediata recepção de *Formação econômica do Brasil* por meio das resenhas publicadas entre 1959 e o início dos anos 1960, assim como a recepção internacional, tanto pelas apresentações das traduções como pelas resenhas das obras traduzidas.

Outras relevantes obras foram publicadas, livros organizados dedicados ao estudo das contribuições de FEB nas mais diversas dimensões: Araújo, Viana e Macambira, junto ao Instituto de Economia Aplicada (IPEA), organizaram o livro *50 anos de Formação Econômica do Brasil: ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado*, com importantes artigos sobre FEB, como de Francisco de Oliveira, Ricardo Bielschowsky, Aloisio Teixeira, Pedro Paulo Zahluth Bastos, Tania Bacelar de Araújo, Valdeci Monteiro dos Santos, entre tantos outros. Ainda temos o livro *Celso Furtado e a Formação Econômica do Brasil*, organizado por Coelho e Granziere, com artigos de Wilson Cano, Bresser-Pereira, Flávio Rabelo Versiani, Aldo Ferrer e tantos outros. Os livros trazem contribuições sobre os diversos aspectos da obra de Furtado, onde estes navegaram por

diversas áreas tocadas por *Formação Econômica do Brasil*.

Em suma, como revelam as obras acima elencadas, *Formação Econômica do Brasil* ainda é uma leitura necessária para as novas gerações de pesquisadores, tanto por conseguir apresentar uma síntese crítica sobre a dinâmica da história econômica brasileira como também por problematizar os caminhos para a superação do subdesenvolvimento. Assim, a obra continua subsidiando vários questionamentos sobre o modelo de desenvolvimento da economia brasileira, modelo que ainda precisa ser superado devido aos seus ranços coloniais.

Referências

- ARAÚJO, T. P.; VIANNA, S.T.W.; MACAMBIRA, J. (orgs.). **50 anos de Formação Econômica do Brasil**: ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado. Rio de Janeiro: Ipea, 2009.
- ARRUDA, J. J. de A. **O Brasil no comércio colonial**. São Paulo: Editora Ática, 1980.
- BARBOSA, A. de F. Formação econômica do Brasil, cinquenta anos depois. **Revista IEB**, n. 50, p. 145-162, set./mar. 2010.
- BARROS, J. D'. A. História Econômica: considerações sobre um campo disciplinar. **Revista de Economia Política e História Econômica**, n. 11, p. 05-51, jan. 2008.
- BIELSCHOWSKY, R. Formação econômica do Brasil: uma obra-prima do estruturalismo cepalino. **Revista de Economia Política**, v. 9, n. 4, p. 38-55, out./dez.1989.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COELHO, F. da Silva; GRANZIERA, R. G. **Celso Furtado e a Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Atlas, 2009.
- COUTINHO, M. C. Economia de Minas e economia da mineração em Celso Furtado. **Nova econ.** [online]. 2008, v.18, n. 3, p.361-378.
- _____. A teoria econômica de Celso Furtado: formação econômica do Brasil. In: LIMA, Marcos Costa; DAVID, Maurício Dias (orgs.). **A atualidade do pensamento de Celso Furtado**. Goiás: Verbena Editora, 2008.
- _____. In: FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. Edição Comemorativa – 50 anos. Organização Rosa Freire d'Aguiar Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 519-544.
- D'AGUIAR, R. F. Celso Furtado – um retrato de um intelectual. **Cadernos do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 17, p.122-127, jul./dez. 2015.
- _____. Apresentação. **Celso. Formação Econômica do Brasil**. Edição Comemorativa – 50 anos. Organização Rosa Freire d'Aguiar Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 519-544.
- EARP, F. S. A grande provocação: notas sobre o impacto da Formação Econômica Brasileira. In: ARAÚJO, T. P.; VIANNA, S.T.W.; MACAMBIRA, J. (orgs.). **50 anos de Formação Econômica do Brasil**: ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado. Rio de Janeiro: IPEA, 2009, p.271-288.
- FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil** - Edição comemorativa 50 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Livro com fortuna crítica bastante rica.
- _____. **Formação Econômica do Brasil**. 32ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- _____. **O capitalismo global**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.
- _____. **O longo amanhecer**. Reflexões sobre a formação do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.
- NETO, L.G. Itinerário de Celso Furtado até Formação Econômica do Brasil. In: **50 anos de Formação Econômica do Brasil**: ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado/Tarcísio Patrício de Araújo, Salvador Teixeira Werneck Vianna e Júnior Macambira (orgs.). Rio de Janeiro: IPEA, 2009, p. 247-270.
- OLIVEIRA, F. Deslocamento do Centro Dinâmico em Celso Furtado. In: ARAÚJO, T. P.; VIANNA, S.T.W.; MACAMBIRA, J. (orgs.). **50 anos de Formação Econômica do Brasil**: ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado. Rio de Janeiro: IPEA, 2009.
- PAULA, J. A. de. Celso Furtado, a história e a historiografia. **Cadernos do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 17, p.144-165, jul./dez. 2015.
- SAES, A. M.; MANZATTO, R. F.; SOUSA, E. S. Ensino e pesquisa em história econômica: perfil docente e das disciplinas de história econômica nos cursos de graduação de economia no Brasil. **História Econômica & História de Empresas**, v. 18 n. 2, p. 229-263, 2015.
- SILVA, R. P. A trajetória de um clássico: Formação Econômica do Brasil de Celso Furtado. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 2 (42), p. 443-448, ago. 2011.
- _____. **Celso Furtado, entre a história e a teoria econômica (1948-1959)**: uma interpretação historiográfica. Tese Apresentada no Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção de título de doutor. São Paulo, 2015. Capítulo 5: Presente, Passado e Futuro: Formação Econômica do Brasil, p. 296-379.
- SZMRECSÁNYI, T. Sobre a formação da Formação Econômica do Brasil de Celso Furtado. **Estudos Avançados**, v.13, n. 37, p. 207-214, 1999.

1 Especial agradecimento ao Professor Alexandre Macchione Saes pela leitura atenciosa e por suas críticas e sugestões ao texto.

- 2 Fábio Sá Earp (2009) faz um apanhado da repercussão dessa obra junto a diversos economistas das mais variadas matrizes teóricas e ideológicas, a saber: Mário Henrique Simonsen: “Na literatura econômica brasileira temos dois livros clássicos, eu diria, o livro do Gudin, Princípios de Economia Monetária e o livro do Celso Furtado, Formação Econômica do Brasil.” (BIDERMAN; COZAC; REGO, 1996, p. 192); Afonso Celso Pastore: “Aquele livro do Celso Furtado foi para mim uma coisa extraordinária. O que ele escreveu depois não teve o mesmo impacto. Foi um trabalho científico de grande repercussão, envergadura e importância.” (*op. cit.*, p. 220); Edmar Bacha: “Clássico em economia brasileira? Celso Furtado, a Formação Econômica do Brasil.” (*op. cit.*, p. 234); Maria da Conceição Tavares: “O mestre Furtado, podemos chamar grande por quê? Porque ele disse: ‘Acho que a Formação Econômica deste país não é como estão dizendo.’” (*op. cit.*, p. 147).
- 3 Ainda mais que em 2009 se fez comemorar os 50 anos de lançamento de *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado, amplamente festejada e discutida. Com ampla divulgação, a saber: Araújo, Vianna e Macambira (2009) e Barbosa (2010). Ao final do artigo estamos sugerindo alguns textos que entendemos ser relevantes para aqueles que procurarem se aprofundar no estudo da FEB.
- 4 “Ítalo Calvino já dizia que uma das características de um clássico é sua possibilidade de infinitas e sempre renovadas leituras. Cinquenta anos após a primeira edição de *Formação econômica do Brasil*, de Celso Furtado, em 1959, surgiu uma edição comemorativa, organizada pela jornalista e tradutora Rosa Freire d’Aguilar Furtado”. (SILVA, 2011, p. 443).
- 5 Nicholas Kaldor (1908-1986), economista nascido em Budapeste, Hungria, Professor da Universidade de Cambridge.
- 6 “Celso diz ter chegado aos estudos da economia por dois caminhos distintos: a história e a organização. Os dois enfoques o levaram, necessariamente, a uma visão *global, à macroeconomia*. Nesse texto ele identifica três influências intelectuais já na adolescência e juventude. A primeira foi o positivismo, ou melhor, “a primazia da razão, a ideia de que todo conhecimento em sua forma superior se apresenta como conhecimento científico, e a ligação entre conhecimento e progresso”. Essa influência lentamente perderia peso. A segunda foi Marx, ou melhor, a busca de um sentido para a história. A terceira foi a sociologia americana, ou melhor, a teoria antropológica da cultura, então exposta em *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre. Retrospectivamente, porém, ele diria que Freyre “pouco ou nada me influenciou no que respeita a sua mensagem substantiva, isto é, no que se refere à interpretação do processo histórico brasileiro” (D’AGUIAR, 2015, p.124).
- 7 [...] Tive muito cedo a intuição de que não é possível ser cientista social sem uma visão de conjunto dos processos, que é dado pela História. Apaixonei-me por esse tema, foi meu primeiro campo de estudo. Pensava ser historiador. *A Formação econômica do Brasil* revela essa vocação inicial. (FURTADO, 1999, p. 71).

(*) Pós-Doutorando do
Departamento de Economia – FEA/USP.
(E-mail: jalex.economia43@gmail.com).